1981-1990

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. 1981-1990. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 176-187. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0013>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1981

1990

1980

1990

2000

De 1981 a 1990

- 11 Cocheira - Instituto Soroterápico
- 18 Cais - Soterrado a partir da década de 70
- 20 Pombal
- 21 Cavalariça
- 22 Pavilhão do Relógio
- 23 Caramanchão
- 24 Pavilhão Mourisco
- 25 Horta Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 26 Viveiro de peixes - Ilha do Pinheiro - demolido em 1980
- 27 Residência do zelador - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 28 Residência Museu de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 29 Hospital Evandro Chagas
- 30 Cantina
- 31 Residência
- 32 Ambulatório HEC
- 33 Biotério HEC
- 34 Depósito
- 36 Pavilhão Figueiredo Vasconcellos
- 37 Anexo Casa de Chá
- 38 Bichário
- 39 Casa Amarela
- 40 Residência
- 41 Estufas
- 44 Cocheira velha
- 45 Residência para funcionário - Horto
- 46 Residência para funcionário - Horto
- 47 Residência para funcionário Horto - demolido na década de 80
- 48 Residência para funcionário - Horto
- 50 Pavilhão Rockefeller
- 51 Pavilhão Laura Travassos
- 52 Coelheira
- 53 Cocheira
- 54 Pavilhão da Marcenaria
- 55 Pavilhão de Vírus
- 56 Estrebaria - demolido na década de 80

- 57 Depósito
- 59 Estaleiro - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 60 Cais - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 61 Ofiãna mecânica - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 62 Chaminé - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 63 Tanques de água do mar - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 64 Estação de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 65 Residência do mecânico - Ilha do Pinheiro - demolido em 80
- 66 Pavilhão Torres Homem
- 67 Almoxarifado - Atual Reserva técnica do Museu da Vida
- 68 Pavilhão Carlos Chagas
- 69 Pavilhão Arthur Neiva
- 70 Pavilhão da Biologia
- 71 Ofiãna
- 72 Garagem
- 73 Depósito - demolido na década de 80
- 74 Pavilhão Carlos Augusto Da Silva
- 75 Lavanderia HEC
- 76 Pavilhão Adolfo Lutz
- 77 Caixa d'água
- 79 Cisterna
- 82 Portaria Avenida Brasil
- 83 Pavilhão Henrique Aragão
- 84 Pavilhão Leonidas Deane
- 85 Estação de Tratamento de Esgoto
- 88 Breje
- 89 Depósito de Rações
- 90 Casa de Força
- 91 Bio-Manguinhos
- 92 Caixa D'água - demolido na década de 80
- 95 Portaria 02
- 96 Residência Oficial
- 97 Subestação Pavilhão do Relógio
- 98 Pavilhão Gomes de Faria
- 99 Almoxarifado de Far-Manguinhos

- 100 Pavilhão de Produção/Administração de Far-Manguinhos
- 101 Pavilhão de Supervisão de Far-Manguinhos
- 102 Escola Nacional de Saúde Pública
- 103 CECAL e anexos
- 104 Pavilhão Jorge Careli
- 105 Manutenção civil da ENSP
- 106 Expansão do *campus*
- 107 Portaria Leopoldo Bulhões
- 108 Depósito de resíduos químicos e radioativos
- 109 Instituto Nacional de Controle da Qualidade em Saúde
- 110 Pavilhão Maria Deane
- 111 Gaiolas da Primatologia de Bio-Manguinhos
- 112 Vestiários - demolido na década de 80
- 113 Estação de Tratamento de Esgoto
- 114 Agência dos Correios
- 115 *Stand*/igreja
- 116 Subestação principal de Bio-Manguinhos
- 117 Depósito de inflamáveis de Bio-Manguinhos
- 118 Subestação ETG 8
- 119 Subestação ETG 7
- 120 Infectório de Bio-Manguinhos
- 121 Microobras atual Cantina
- 122 Vestiário campo de futebol
- 123 Abrigo para churrasqueira e mesas
- 124 Creche Bertha Lutz
- 125 Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
- 126 Centro de Estudos da Saúde do trabalhador e Ecologia Humana
- 127 Depósito de material químico/inflamável Far-Manguinhos
- 128 Pavilhão Osório de Almeida
- 129 Pavilhão de Primatas Neo-tropicais
- 130 Almoxarifado de Bio-Manguinhos
- 131 Central de água gelada
- 132 Oficina de manutenção de equipamentos DIRAC
- 133 ETG
- 134 Produtos naturais de Far-Manguinhos

0 50 100 200

BASE CARTOGRÁFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFÉTICO IPP/PCRJ
PLANTA CADASTRAL DO CAMPUS - PREFEITURA DA FIOCRUZ - SET/1991

RIO DO CUNHA

RIO JACARÉ

RIO JACARÉ

CANAL FARIA-TIMBÓ

EST. CARLOS CHAGAS

LEOPOLDINA RAILWAY

AV. LEOPOLDO BULHÕES

RUA SIZENANDO NABUCO

AV. BRASIL

CANAL DO CUNHA

- Terreno da Fiocruz
- Massa Arbórea - Área em Processo de Tombamento
- Antiga localização da Ilha do Pinheiro
- Edificações preexistentes
- Edificações construídas na década de 80
- Edificações em ruínas
- Edificações não pertencentes ao Instituto

Guilardo
Martins Alves
Presidente da
Fundação
Oswaldo Cruz
de 15 de março
de 1979
a 2 de maio
de 1985.

Antonio Sergio
da Silva Arouca
Presidente da
Fundação
Oswaldo Cruz
de 15 de março
de 1985
a 1ª de abril
de 1989.

Akira Homma
Presidente da
Fundação
Oswaldo Cruz
de 1ª de abril
de 1989
a 23 de março
de 1990.

No início da década de 80, o *campus* de Manguinhos tinha, aproximadamente, 80 edificações, contabilizando desde casas de bombas até edifícios de grande porte e de vários pavimentos. Segundo levantamento da época, parte dos edifícios, das vias internas e das redes de infra-estrutura se encontrava deteriorada, aguardando obras de recuperação. Além de inúmeras adaptações, quase sempre improvisadas, as edificações não se agrupavam adequadamente em um zoneamento de acordo com as suas funções específicas. A rede de água era incapaz de atender à demanda, e a rede de gás apresentava rupturas e vazamentos perigosos. A rede elétrica já havia sido revista, mas ainda necessitava de reformas, assim como a rede de esgotos. A rede telefônica ainda utilizava um dos equipamentos mais antigos do País. O lixo infectado era há dezenas de anos jogado diretamente no canal do Rio Faria.

Como parte das comemorações pelos 80 anos da Instituição, foram inaugurados o Pavilhão Gaspar Vianna, construído para substituir o Hospital Evandro Chagas, e, em 4 de setembro de 1981, o Laboratório Central de Controle de Drogas, Medicamentos e Alimentos (LCCDMA) – atual INCQS –, transferido da estrutura da administração direta do Ministério da Saúde em 1978 para o *campus* de Manguinhos. Sucateado e desprovido de recursos humanos e materiais, o LCCDMA ocupou, provisoriamente, instalações de Bio-Manguinhos e Far-Manguinhos até que as novas instalações estivessem concluídas.

O projeto do INCQS foi desenvolvido pelos arquitetos Ary Celso France e Salomão Tandeta da empresa Icoplan,¹⁰⁸ que realizou também alguns estudos para o *campus*, após a extinção da Divisão de Obras do MES, em 1977. Basicamente foram dois escritórios – Icoplan e SPL – que desenvolveram projetos arquitetônicos para a Fiocruz até a década de 80, quando se começou a contratar diretamente profissionais para fazer parte do

¹⁰⁸ Internacional de Consultoria Planejamento (Icoplan). Fundada em 1954, especialista em projeto, construção e reforma de prédios residenciais, escolares, comerciais e industriais. Nessa empresa, que se encontra hoje em atividade, alguns funcionários eram ligados ao PCB.

Edifício do Instituto Nacional de Controle e Qualidade em Saúde – INCQS – marca a retomada de construções de vulto na Fiocruz; projeto dos arquitetos Ary Celso France e Salomão Tandeta da Icoplan. (CCS/Fiocruz)

corpo técnico da prefeitura do *campus* de Manguinhos – hoje, Diretoria de Administração do *Campus* (Dirac) –, ao longo das duas últimas décadas do século XX. Um dos primeiros projetos desenvolvidos pela nova equipe que se formava foi o das gaiolas da primatologia, construídas para abrigar os macacos *Rhesus*, provenientes das instalações desativadas da Ilha do Pinheiro.

Em janeiro de 1981, foi homologado pelo ministro da Cultura o processo de tombamento do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos,¹⁰⁹ por meio da então Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), atual Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Fazem parte desse conjunto os Pavilhões Mourisco, da Peste, da Cavalaria, do Pombal e o Hospital Evandro Chagas. Foi demarcada, também, em 1986, uma área de preservação ambiental do entorno desse conjunto, cujo processo de tombamento ainda não foi concluído.

Em 1985, com a redemocratização do País, assumiu a presidência da Fiocruz o médico-sanitarista Antonio Sergio da Silva Arouca, que deu início a um amplo processo de revitalização e de democratização da Instituição, mediante a criação de novas unidades técnico-científicas, a contratação de pessoal para atender às unidades criadas e a introdução de um novo modelo de gestão institucional, desde então caracterizado como democrático e participativo. Um novo estatuto, aprovado só recentemente pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi implantado a partir de 1988. Este instrumento define o Congresso Interno e o Conselho Deliberativo como instâncias de decisão colegiada, tendo o primeiro a atribuição de formulação das principais políticas e diretrizes do projeto institucional da Fiocruz. O estatuto define também as formas para a escolha participativa do presidente e

¹⁰⁹ Processo nº 1.037-T/80, de 17 de novembro de 1980, aberto por solicitação do então presidente da Fiocruz, Guilhardo Martins Alves. Departamento de Proteção do Iphan.

Luiz Fernando Rocha Ferreira da Silva
Presidente da Fundação Oswaldo Cruz de 28 de março a 18 de julho de 1990.

Hermann Gonçalves Schatzmayr
Presidente da Fundação Oswaldo Cruz de 18 de junho de 1990 a 22 de dezembro de 1992.

dos diretores das unidades, mediante processos eleitorais diretos e composição de listas tríplices, e confere à Associação dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz (Asfoc) assento pleno no Conselho Deliberativo. Neste processo, as unidades técnico-científicas que compõem a Fiocruz também foram dotadas de instâncias democráticas de decisão, tais como os conselhos deliberativos e as assembléias gerais. Como celebração desta ampla remodelação institucional, os cientistas que no período militar foram demitidos e cassados em seus diretos políticos – no episódio que ficou conhecido como O Massacre de Manguinhos – foram, em 1986, reintegrados à Fundação Oswaldo Cruz.

Em virtude das novas unidades surgidas, o Politécnico de Saúde Joaquim Venâncio (PSJV), a Casa de Oswaldo Cruz (COC) e a Superintendência de Informação Científica (SIC), atual Centro de Informação Científica e Tecnológica (CICT), houve a necessidade de se expandirem as instalações do *campus*. O Politécnico foi criado em julho de 1985, e suas atribuições incluem a formação de pessoal de nível médio e elementar e o desenvolvimento de um programa de ensino profissionalizante para a área da saúde, entre outras. Já a COC foi constituída em novembro do mesmo ano, tendo como finalidade a recuperação e a preservação da memória da ciência biomédica e da saúde no Brasil, o

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV.
(DPH/Fiocruz)

Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana –
Cesteh (DPH/Fiocruz)

Creche Bertha Lutz. (DPH/Fiocruz)

desenvolvimento de pesquisas históricas e de atividades museológicas, bem como a restauração e a conservação do patrimônio arquitetônico histórico da Fiocruz. A SIC foi instituída em abril de 1986, com o objetivo de coordenar as atividades relacionadas com a preservação, o processamento e a divulgação da informação científica. Para atender às novas demandas da Fiocruz, o escritório técnico da Dirac passou a utilizar em alguns edifícios o sistema construtivo de pré-moldados e de argamassa armada, criado pelo arquiteto João Filgueiras Lima, devido a seu baixo custo e rapidez de montagem. Este sistema construtivo foi adotado nos seguintes edifícios: Creche Bertha Lutz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, vestiário do campo de futebol, Pavilhão Osório de Almeida e Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana.

A opção por esse sistema acabou inaugurando uma tendência construtiva que perdurou até fins da década de 90. Tal fato acarretou perdas de qualidade na construção dos edifícios – os sistemas da argamassa armada¹¹⁰ foram concebidos para ter vida curta e exigem constante manutenção, em virtude da oxidação da armadura devido à pequena espessura do recobrimento em argamassa, agravada pela extrema agressividade das condições ambientais.

¹¹⁰ O sistema de pré-moldados de argamassa armada começou a ser utilizado com maior desenvoltura a partir da criação da Fábrica da Companhia Urbana de Salvador (Renurb) em 1979, para suprir a demanda de mobiliário urbano e facilitar a execução de projetos de macro e microdrenagem e de contenção de encostas naquela cidade. (...) No período de 1982/1984 houve a necessidade de se construir, com poucos recursos em Abadiânia (GO), uma pequena escola rural. Embora tenha apresentado poucos avanços em relação aos tempos da Renurb, a pesquisa básica aí aplicada tornou possível a aplicação, logo em seguida, da tecnologia em grande escala na Fábrica de Escolas no Rio de Janeiro, criada no governo de Leonel Brizola (1982-1986). (...) Com esse sistema foram construídas mais de 200 escolas, auditórios, creches e casas comunitárias em favelas no Rio de Janeiro, além do aproveitamento da Fábrica para a construção de pré-moldados para drenagem, pontes, passarelas e dos abrigos de ônibus que dominaram a paisagem carioca durante as décadas de 80 e 90 (Latorraca, 1999:98-123 e 137-153).

A Casa de Oswaldo Cruz, por sua vez, resolveu recuperar os pavilhões do início do século XX para abrigar no Pavilhão do Relógio, primeiramente, a sede da unidade e a sede do museu didático, deslocado das instalações do primeiro pavimento do Pavilhão Mourisco para a Cavalaria. Os projetos foram desenvolvidos pela Gerência de Projetos Especiais, vinculada à presidência da Fiocruz. Com o crescimento dos serviços de restauração, devido ao tombamento federal,¹¹¹ a gerência foi transformada, em 1989, em um departamento da COC, e passou a concentrar seus esforços no edifício principal do conjunto histórico.

Atualmente, o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) é responsável pela conservação, a restauração e a valorização do patrimônio arquitetônico histórico da Fiocruz, segundo os princípios modernos de salvaguarda de bens culturais. A partir de um planejamento global, as etapas referentes a esse trabalho vêm sendo realizadas conforme os recursos financeiros obtidos e as prioridades estabelecidas segundo critérios de segurança e integridade dos materiais.

Ao DPH compete a execução dos projetos referentes à área de preservação, com base em pesquisa histórica, estilística, de técnicas e materiais, mapeamento de danos, diagnósticos e metodologia de intervenção, assim como fiscalização das obras, coordenação da sistemática de manutenção preventiva e corretiva, adaptação dos espaços para novos usos, além do desenvolvimento de um programa de formação e capacitação de mão-de-obra especializada, referente às artes e aos ofícios tradicionais da área de conservação do patrimônio cultural.

Em linhas gerais, as intervenções de restauração já realizadas nos edifícios componentes do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos foram as seguintes: impermeabilização dos terraços; tratamento e reforço de estruturas metálicas; recuperação de azulejos; pintura murária; recuperação e preenchimento das lacunas dos ornamentos originais; restauração

¹¹¹ Iphan (1981).

das esquadrias metálicas e de madeira; substituição das instalações hidrossanitárias e elétricas e instalação de sistemas de ar-condicionado centrais, adaptados a edifícios tombados.

O próprio crescimento da Casa de Oswaldo Cruz, com atividades nas áreas de pesquisa, arquivo e museu científico, levou a equipe de arquitetos do DPH a desenvolver projetos de novas construções, ao longo de toda a década seguinte, sempre com a preocupação de manter uma linguagem arquitetônica em harmonia com as edificações históricas.

O crescimento repentino da Instituição, após anos de ausência de investimentos, levou a Fundação Oswaldo Cruz, através da Dirac, a solicitar ao Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam) um plano diretor para a área, com o objetivo de estabelecer diretrizes para uma expansão física harmoniosa, evitando crescimentos indevidos que pudessem prejudicar outros setores da Instituição.

O levantamento realizado pelo Ibam levou em consideração a topografia, a vegetação e o solo diversificados, a área de tombamento proposta pelo Iphan e a qualidade arquitetônica dos edifícios históricos. A intenção era criar um plano diretor flexível o bastante para lidar com essas diversidades e particularidades, além das intervenções não completamente previsíveis.

O desenvolvimento do Plano Diretor ocorreu em três etapas, entre dezembro de 1986 e dezembro de 1988. O primeiro módulo consistiu no levantamento físico e institucional da Fiocruz, com a preocupação de entender a funcionalidade das diversas unidades, seus servidores e usuários, com seus planos de expansão em edifícios projetados ou apenas planejados. O módulo previa a elaboração de mapas de sistema viário, uso do solo, vinculação administrativa e vegetação existente. Serviu de diretriz para os demais, ou seja, para a elaboração de diagnósticos sobre a situação de abastecimento de água, esgoto, energia e sobre a natureza dos solos, e para a sua execução propriamente dita. O Plano Diretor previa, ainda, um estudo para a nova estrutura viária e uma proposta de zoneamento. O levantamento realizado pelo primeiro módulo chegou a algumas conclusões interessantes, um pouco discutíveis hoje em dia, em face dos avanços alcançados com essa pesquisa.

Não é de todo incorreto que a Instituição tenha crescido sem planejamento. Mas nem sempre foi assim. Na direção de Oswaldo Cruz, a intenção foi ocupar as colinas mais altas do terreno, por sua posição em relação ao litoral, aos acessos existentes e às condições insalubres do restante da área. Isso é percebido claramente na construção do Hospital Evandro Chagas e dos pequenos edifícios ao redor, que seguem a mesma orientação geográfica das construções do núcleo central.

Alguns edifícios que foram construídos depois, como o Novo Biotério, seguiram a mesma orientação do conjunto principal. Até mesmo o edifício da Fundação Rockefeller seguiria essa implantação, tendo ainda a preocupação de voltar a fachada principal para a melhor insolação. Na gestão de Henrique Aragão, sabe-se, houve uma clara proposta de se ocuparem áreas distantes do *campus*, sem, agora sim, intencionalmente, seguir o posicionamento das construções mais antigas. O Pavilhão de Cursos já teria nova orientação em virtude da inauguração da Avenida Brasil, inclusive com a idéia de permitir acesso mais direto por ela.

A conclusão quanto à falta de crescimento planejado procede em relação aos edifícios erguidos no terreno do Instituto, mas que a princípio não faziam parte de sua estrutura administrativa, como no caso do Hospital-Abrigo Torres Homem, do Pavilhão de Febre Amarela, dos edifícios de Far-Manguinhos, da Escola Nacional de Saúde Pública e do INCQS. As edificações que surgiram posicionaram-se de acordo com a topografia e os arruamentos existentes, sem preocupação com a implantação e orientação.

O relatório do Ibam é correto ao afirmar que a falta de planejamento provoca a eterna construção de galpões e outros pequenos equipamentos de apoio, resultando em novas edículas soltas que brotam nas imediações dos edifícios principais.¹¹²

De fato, a partir da década de 80 houve uma grande proliferação de pequenas construções feitas de maneira improvisada para atender às demandas imediatas de diversos setores da

¹¹² Avaliação do Plano Diretor do Campus da Fiocruz. Relatório final. Diretrizes para reestruturação do Plano Diretor do Campus da Fiocruz. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1996. (Mimeo.)

Plano Diretor do IBAM para a Fiocruz, 1988. (Dirac/FIOCRUZ)

Fiocruz e que contribuíram significativamente para a deterioração de diversos espaços do *campus* de Manguinhos. Um exemplo desse tipo de intervenção é o anexo do Pavilhão do Relógio – antigo Pavilhão da Peste – de 1986, que esconde parte do muro de arrimo construído para a implantação do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos.

A falta de entrosamento das diferentes unidades e a opção por projetos isolados, também registrados pelo relatório do Ibam, acarretaram o mau uso do solo e a baixa qualidade dos espaços construídos. O pior caso, segundo o relatório, é o da implantação do INCQS que, devido a sua forma, espalha-se por uma imensa área vazia. A vantagem desse tipo de implantação, no entanto, é a pouca altura final da edificação, que não interfere na visibilidade e na leitura do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos.

Infelizmente, o Plano Diretor encomendado ao Ibam não foi respeitado na sua integridade, e a Fiocruz, no seu período de maior expansão física, não utilizou plenamente os instrumentos do planejamento urbano.